

Entrevista com Euleax de Lima Pereira: “mais do que eu escrever o poema, é o poema que me escreve”

*Interview with Euleax de Lima Pereira:
“more than writing the poem, it is the
poem that writes me”*

mariam pessah*

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

* mariam pessah é ARTivista feminista, escritora e poeta graduada em Escrita Criativa - PUCRS. Seu livro mais recente é *Grito de mar*, editora Taverna, 2019. E-mail: marianpessah@gmail.com

Euleax de Lima Pereira, nascida em 1993, em Torres, Rio Grande do Sul, Brasil. Estudante de filosofia, existencialista, poeta, mulher trans não binária, sapatão bissexual e demisssexual, neurodivergente, autista, deficitária de atenção, ativista de direitos animais, humanos, ecológicos e robóticos, entusiasta de ficção científica, línguas, matemática, fenomenologia e futurismo. Na poesia, busca uma síntese dos afluentes do colóquio, do solilóquio e do arcaísmo.

Para conhecer mais sobre o trabalho dela: <http://universodifuso.wordpress.com> ou <http://lepjomalacas.wordpress.com>

Como começaste a escrever?

Comecei a escrever bem menina como catarse tanto semântica quanto simbólica, uma espécie de catarse do significante. Isso causava extremo fascínio, transbordar-me em poesia (onde tanto o significado quanto o significante são cruciais), era uma forma de terapia e de construção de identidade e cosmovisão. Também isso veio pelo fascínio que a própria poesia me exerce desde pequena.

Poderias citar algum exemplo de como o significante e o significado se refletem tanto na tua cabeça, quanto depois, na tua escrita?

Muitas vezes o poema me arrasta mais pelo significante, pela estrutura material gráfica, sonora ou até outras estruturas se eu escrevesse em braile, ou em língua de sinais — caso eu as dominasse —, ou pelo elemento sensorial constitutivo dos sinais caso eu fizesse poemas em línguas de sinais, sejam as visuais ou as táteis. Elementos métricos e de rima ultimamente têm se manifestado em minha criação poética instintiva. Aí de repente o poema me arrasta mais pelo significado, e o poema vai me aparecendo através dessa remissão semântica, como por exemplo, em jogos de linguagem. A minha criação poética é um reflexo de minha vida mental interior. Parte disso se deva talvez ao fato de que o significante me exerça fascínio e hiperfoco. Outra parte creio que se deva a minha mente que é atravessada por pensamento não verbal e eu também tenho um elemento forte de não oralidade em que minha consciência e minha relação interpessoal não se expressa através da fala. Além disso, é comum haver em mim cisão entre significante e significado. Assim, fico só com um, ou com outro e só numa língua, mas também é comum que eu só tenha o significado, o conceito, sem o significante às mãos. Antes eu era levada a crer que esta minha característica significava uma inépcia minha como indivíduo linguístico, como poliglota, como poeta, como literata. O deficit de atenção e hipoatividade, com a velocidade, densidade e profusão de minha mente, também contribuem para a cisão. Além disso, o hiperfoco e o deficit de atenção gerado pelo autismo produz uma cisão como foco ora no significante, ora no significado.

Hoje eu sei que isto não me diminui, apenas me distingue. E, de fato, minha antologia é enriquecida por estes elementos não verbais, não linguísticos ou não orais. O orgulho autista e neurodivergente é um elemento forte dessa minha desconstrução da vergonha de mim mesma.

De que modo a cultura tem contribuído em tua rotina e de quem está ao teu redor? E, também, qual tu achas que é o papel da arte em um mundo em crise, evidenciado pela pandemia?

A arte tem um papel de formação cognitiva (seja racional seja emocional), instigando reflexões, num questionamento coletivo que se dá numa combinação de sensação e de pensamento abstrato. Um exemplo é o teatro que, como arte, se

intersecciona com a dança com seu movimento, gestos e sinais, um elemento arquitetônico e cenográfico, literatura, atuação, voz e canto. Assim, a sensação é estimulada, em vários órgãos sensoriais. Também as emoções são instigadas pelo teatro. Há um elemento interativo entre palco e plateia, o que suscita um diálogo que não se dá só no pensamento, mas também nas sensações e nas emoções. O termo emoção já etimologicamente remete à moção e comoção envolvidas com o sentimento. Para além do sensorial e do sentimental, o teatro em seu elemento linguístico e literário, instiga uma reflexão conceitual através da linguagem. A própria sensação contém já em si mesma um elemento conceitual, parafraseando Kant e a fenomenologia posterior. Isto porque o sensorial e o sentimental já são formas de pensamento, além de intuição. Tal formação cognitiva se dá em várias formas, e inclui também o simbolismo das várias formas de arte, seja em significante, seja em significado. Trabalhando o significante, há por exemplo, um elemento centrado nos efeitos sonoros, nas rimas, nas aliterações, na métrica, na rítmica, na poesia concreta. Agora, trabalhando o significado, há um elemento centrado nas remissões de um conceito a outro. Justamente, a arte tem sido imprescindível neste momento global de crise política de ascensão do totalitarismo e de crise socioambiental e epidemiológica do Covid-19.

Como a pandemia afetou a tua produção crítica e/ou ficcional?

Minha produção poética tem sido mais esparsa devido à minha exaustão durante a quarentena. Embora eu acredite que tanto os percalços quanto as glórias da quarentena (na medida em que há uma intensificação da presença, dos laços, dos encontros eletrônicos), certamente estão influenciando minha consciência e meu inconsciente e isto vai se expressar também na minha produção poética.

Você continua (ou continuaria) lendo as obras de alguém que votou em Bolsonaro?

Depende de se o conteúdo das obras permite algum diálogo crítico. Caso não, minha saúde mental torna-se uma prioridade sobre o exame de discursos de ódio explícitos e resolutos.

Como tu lidas com o bloqueio criativo em momentos de crise? Tu tens alguma fórmula ou algo que possas fazer para superar o momento?

Não tenho nada muito estruturado para lidar com bloqueio criativo. Eu tento não botar pressão e muitas vezes simplesmente sentar e trabalhar, mesmo que na hora não saia algo fluido. Às vezes, costuma ser bem lento, até quando de súbito, aos solavancos, eu me transbordo poeticamente, ou melhor é meu poema que poeticamente me faz ser transbordada em poesia. Assim, mais do que eu escrever o poema, é o poema que me escreve.

Tua escrita é permeada pela tua transição de gênero, o ato de escrita te ajuda a pensar-te?

Sem dúvida. Prova disso é que marcos importantes de minha jornada se dão através de catarses literárias, onde o eu lírico do poema corresponde à minha reflexão introspectiva, consciente ou inconsciente. Exemplos são “Vejam-me só: sou a guria, piá bigênera, no jardim das papoulas dançantes”, com eu lírico bigênero, onde o “arquétipo” bigênero corresponde a um momento de minha introspecção que sem dúvida está presente no meu inconsciente, mas de fato não constitui minha identidade pessoal, mesmo a nível inconsciente. Este poema foi uma catarse e uma reflexão. Depois de anos tendo me

descoberto e sido agênera, inclusive no meu inconsciente, eu também em catarse e reflexão, resolvi expressar minha identidade em forma de um eu lírico, em “De piá pra piá”. Então, vem a resposta agênera ao meu primeiro poema, e também, em outro, no que falei dos meus seios recém desenvolvidos da terapia hormonal como negação de algum fatalismo de mística e significação femininas. Neste caso, não é só um arquétipo, o meu próprio eu lírico correspondia à minha identidade pessoal então agênera. Porém, desde algum tempo desde 2019, eu tenho tido uma identidade parcialmente feminina e mulheril, e isso foi se revelar para mim no final de 2019. Novamente, em catarse, eu escrevi um último elemento nesta trilogia de eu líricos de descoberta do gênero: “trilogia da léia piá: terceiro tomo”. Inúmeros poemas meus têm a temática seja da transição, seja previamente à transição, a uma angústia pré-transição tendo como exemplo “Cifrão, Transição e Devoção”, seja uma temática anticisnormativa (por exemplo, em meu cancionário erótico com “Carne do lume de nosso ardor” e “Ode erótico a meu irmão”, ou em poesias por abolição da designação de gênero e de papéis de gênero, como em “Ciranda das Gentes” e “Mater Hysteria”). Também fiz um poema cujo eu lírico agênero regozijava seus seios recém surgidos intitulado: “A meus seios, um poético microconto”, e outro em que externalizo minhas inquietações com o assédio transmisógeno pelo qual tenho passado intitulado: “Dizem-me, à rua, impropérios”. Nos poemas mais recentes, a minha identidade não só de mulher trans não binária, mas de sapatão bi e pan, têm se expressado, na medida em que tenho passado pela construção de uma identidade política e existencial que é atravessada por uma consciência de minha orientação sexual e romântica, não apenas no campo das atrações, mas também no campo das relações vividas. Anteriormente, eu era assexual e arromântica estrita, não tendo experienciado tais atrações. Porém, desde 2019, venho experienciado atrações sexuais e românticas, todavia dentro da demissexualidade e da demirromanticidade, o que significa que minha atração requer uma conexão emocional prévia para poder se dar. Assim, em meus poemas mais antigos, há uma catarse e um manifesto em relação à assexualidade e à arromanticidade estritas. Estes poemas têm sido uma catarse e um manifesto que não só expressam minha orientação sáfica, mas também envolvem uma desconstrução da transmisoginia internalizada, uma vez que há todo um peso de heteronormatividade sobre as identidades trans.

Tu escreves em várias línguas, misturando elas às vezes, consideras a tradução uma ferramenta na tua escrita?

Sem dúvida. Sou uma grande apaixonada por tradução, e realmente minha mente poliglota se expressa também em uma lírica variada, inclusive transversalmente poliglota, ou seja, não meramente por obras paralelas, mas que se interseccionam, nessa mistura de línguas dentro de um poema escrito em uma língua determinada, sobretudo em minha antologia lusófona.

Poderíamos fazer uma relação entre tua mente poliglota e a tua mente-corpo-existência de entre gêneros?

Minha mente poliglota talvez tenha permitido uma confluência maior de influências sobre a constituição de minha identidade política e existencial. Pelo menos, desde há muitos anos, tem sido assim, pois minha mente está inserida em um contexto em que me articulo em diversas comunidades políticas, nas que participo de discussões, celebrações e articulações políticas de movimentos sociais. Isto não só em relação a meu gênero e à minha orientação sexual, mas também em relação à minha identidade política

de autista sob perspectiva de orgulho autista e neurodiversidade (diversidade neurológica).

Quais são tuas maiores influências literárias e/ou teóricas?

Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Augusto dos Anjos, Mário Quintana, Kálmán Kalocsay, William Auld, Rumi, Gibran Khalil Gibran, Paulo Leminski e Virginia Wolf e Letícia Wierzchowski. Letras de música de estilos diversos também são inspirações marcantes. Star Trek também é uma influência importante. Também as leituras feitas em saraus, como o *Sarau das Minas*, e no movimento de *slams*. Nesses eventos, eu entro em contato com muita poesia impressionante e magnânima, sobretudo em literatura de minorias políticas e literatura engajada e de protesto. Uma outra influência muito grande é do movimento tropicália, seja como arte engajada seja como síntese entre universalismo e particularismo, cosmopolitanismo e regionalismo, e como a síntese entre cultura popular, coloquial, de massas, vanguardista e erudição livresca enraizada nas várias tradições milenares do mundo, não só à euro-ocidental que remonta à Grécia. O existencialismo também é uma grande fonte de inspiração, sobretudo por meu interesse enquanto filósofa em fenomenologia e também no existencialismo enquanto movimento filosófico-literário. Sobretudo após meu contato direto com existencialistas. Nisso eu enfatizo também o movimento transantropológico, existencialismo trans, da minha amiga Atena Beauvoir Roveda. Teoricamente em relação à minha formação política, o anarquismo, o marxismo, o feminismo interseccional e uma postura abolicionista em relação às opressões, sobretudo em relação ao especismo e em relação ao patriarcado, na forma de abolição de papéis de gênero e de designação de gênero, numa leitura transfeminista do abolicionismo radfem sobretudo em *Woman Hating* de Andrea Dworkin. Recentemente, o putafeminismo de Monique Prada e Amara Moira. Também pretendo me inspirar e ler mais em Cecília Meireles, Cora Coralina, Marjorie Boulton, Conceição Evaristo, Pagu, Ana dos Santos, Martin Bubber, Duan Kissonde, mariam pessah, Lílian Rocha, Mia Couto, Safo, Machado de Assis, Ariel Bonkorpa, Eli Urbanova, Miguel Fernández, Claude Piron, Anna Lowenstein, Paulo Banaco, Yuna Vitória, Renata Ventura, Lígia Fagundes Teles, Heine, Tolstoi e Wisława Anna Szymborska.